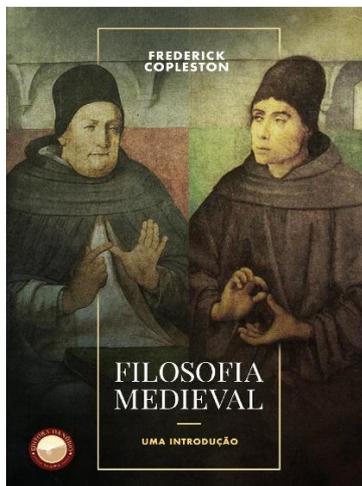


COPLESTON, Frederick. *Filosofia Medieval, uma Introdução*. Curitiba: Editora Danúbio, 2017

Paulo Romanowski¹



A obra de Frederick Copleston traz um resumo importante das principais questões que cercaram a ação intelectual no período medieval. A obra data de 1952, período posterior ao seu debate com Bertrand Russel sobre a existência de Deus. Assim, apontamos que a questão religiosa fez o autor ter como meta dissipar os preconceitos acadêmicos sobre os autores eclesiásticos. Outro ponto recorrente é expor como o pensamento clássico foi recuperado e atualizado na medievalidade. Apontando com isto que a ideia de “Idade das Trevas” é cultivada mais por interesses ideológicos que por falta de pesquisas e fontes. Trazer a filosofia medieval é a maneira de entender como a antiguidade foi absorvida, tendo vários exemplos de censuras e crises; mas transformada ao ponto de antecipar problemas científicos que para muitos contemporâneos são frutos de autores modernos. A produção do autor é vasta e a criação de sua História da filosofia durou mais de trinta anos para se realizar. A chegada dessa obra ao mercado editorial brasileiro é fato importante. Porque aqueles que trabalham com o recorte historiográfico ou filosófico do período da Idade Média sabem as dificuldades de encontrar obras básicas para iniciar uma pesquisa ou mesmo elaborar conteúdos para ensino regular. Dividido em doze capítulos o autor não se limita a descrever os pensadores ou homens de saber medievais. Existe a preocupação de realizar uma ponte entre a influência do saber clássico com o pensamento do autor abordado em cada parte da obra. Outra admoestação que Copleston realiza e ensinar os leitores que a filosofia moderna não é um movimento sem passado, e em alguns casos nem tão inovador quanto alguns pesquisadores sugerem. Professor Copleston iniciando a obra com a frase:

¹ Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná.

“A impressão geralmente dada pelos historiadores da filosofia é a de que se poderia com proveito saltar de Platão e Aristóteles diretamente para Francis Bacon e Descartes, omitindo-se qualquer consideração tanto da filosofia grega pós-aristotélica quanto do pensamento medieval²”

A prática historiográfica tem como uma regra procurar sempre os laços concretos de relação intelectual. Descolar o pensamento moderno do medieval é absurdo porque a forma de aprendizagem e transmissão de pensamentos não ocorre em saltos ou revelações fantásticas. Descartes é um exemplo que o autor coloca: “Os primeiros estudos filosóficos de Descartes inserem-se na tradição escolástica; e mesmo que seu pensamento tenha posteriormente seguido em outras direções, a influência daqueles primeiros estudos foi permanente”. Por isso como afirma Copleston: “A filosofia medieval merece atenção e estudo não apenas por razões históricas, porque constitui uma parte integrante da história da filosofia europeia, mas também por si mesma³”. Esta filosofia medieval tem pontos que podem ser discutido, os metafísicos podem ser criticados pelos atuais pesquisadores, mas colocar todos os debates do século XIII no rol de “obscurantismo intelectual” é uma posição medíocre. Contudo, também o texto chama atenção que para entender o pensamento moderno, temos de refletir sobre o seu passado.

Outra consideração que o autor traz à luz de debate é a dificuldade do entendimento dos debates medievais, pelo fato da teologia e filosofia estarem unidas. Enfatizando que filósofos pesquisadores que não gostam do cristianismo acabam fugindo desses autores por não entendê-los. Uma falha dos pesquisadores que se esquecem de que o Cristianismo e a ciência moderna são um dado histórico. E a melhor maneira para o autor de entender esses medievais é recriar dentro do possível a sua mentalidade, isto é, aquilo que os cercava e os problemas reais que necessitavam debater. Debates baseados na erudição e na procura do saber para fim maior que as utilidades práticas.

A base do pensamento medieval é antiguidade, por isto a linguagem usada pelos pensadores da Idade Média pode parecer inusuais. A recomendação do autor que os textos aristotélicos devem ser sempre lembrados, porque eles podem não ser o que parecem na sua forma natural ou como diz no inglês moderno. Lembrando sempre que linguagem não são palavras latinas, mas categorias de pensamento. O momento da escrita da obra é momento que análise da linguagem ganha fama nos meios acadêmicos. O que culminara nos anos seguintes no “giro-linguístico”. Acreditamos que por isso a questão das palavras tem um peso importante no desenvolvimento da obra. Como coloca o autor no texto: “não se pode encontrar na filosofia medieval uma análise do significado e um tratamento da linguagem daquele

² COPLESTON, Frederick. **Filosofia Medieval, uma Introdução**. Curitiba: Editora Danúbio, 2017. np

³ Id. Ib. np

tipo extenso, porém detalhado, que seria considerado conveniente hoje em dia; mas seria um grande erro pensar que os filósofos medievais não enxergavam a necessidade de alguma análise linguística⁴”.

Para iniciar a obra tem como primeira baliza o período dos séculos IX e X. Neste recorte o autor enfatiza como os apóstolos e seus sucessores estavam preocupados com o ensino do evangelho e não com sistemas filosóficos. Contudo tinha de se defender de autores não-cristãos, a fim de se justificarem aos olhos das autoridades imperiais, e ao mesmo tempo mostrando que a verdadeira sabedoria está no Cristianismo e não nos autores pagãos. Os apologistas não desenvolveram uma filosofia, mas tomaram a filosofia grega como base para criar categorias de pensamento espelhadas no platonismo. O qual era a preparação intelectual para o cristianismo. Apesar de tudo os pensadores medievais vão acreditar numa revelação divina definitiva. Tal premissa fez a doutrina ser apresentada como uma linguagem de termos emprestados da filosofia e juntamente como o raciocínio lógico criou a teologia escolástica. Do outro lado os objetos da experiência humana, o próprio homem e o mundo que ele se encontra vão criar a filosofia, a qual vai procurar a maneira de entendê-los.

A teologia dogmática e a filosofia metafísica e seus métodos distintos foram alvo de reflexões profundas, inclusive de São Tomás de Aquino, apesar de diferenciarem, nas palavras do autor: “Mas a distinção entre teologia e filosofia não pode ser fundamentalmente uma distinção de assunto-matéria, uma vez que há certa sobreposição: a distinção entre as duas ciências (os medievais chamavam tanto a teologia quanto da filosofia de “ciências”, empregando a palavra no sentido de uma disciplina que fornece certo conhecimento) é fundamentalmente uma distinção de método. Tome-se um exemplo concreto. Para o teólogo a existência de Deus é uma premissa, enquanto que para o filósofo metafísico a existência de Deus é conhecida como a conclusão de um processo de raciocínio baseado em reflexões sobre o mundo “experenciado”. Estes dois métodos conviveram juntos desde o início, contudo “estavam mais preocupados com o que se pode chamar de uma sabedoria cristã plena, com o entendimento da fé cristã em si mesma e com o entendimento do mundo à luz dessa fé, mas sem delimitar claramente entre o campo e o alcance da filosofia e aqueles da teologia”. Situação que durou até início do século XIII quando o aristotelismo, o qual era um sistema filosófico de grande escala sem ligação com o cristianismo, fez as duas ciências se delimitarem de forma metódica. Essa mudança fez a filosofia se tornar “madura e autoconsciente⁵”.

⁴ COPLESTON, Frederick. Id. np

⁵ COPLESTON, Frederick. Id. np

Aristóteles não acaba com o neoplatonismo, mas se torna o “filosofo” por causa dos medievais conseguirem ter um conhecimento amplo deste. Na figura de São Tomás a síntese entre teologia e filosofia acontece formando um ponto em comum a chamada metafísica. Apesar de que a duração dessa junção criar polêmicas e críticas. O importante é enfatizado na obra: No século XIII, a distinção foi reconhecida claramente; mas as principais figuras no mundo intelectual no período eram, na maioria, fundamentalmente teólogos; e construíram uma formidável síntese entre teologia e filosofia, em que as duas ciências ficavam em harmonia. No século XIV, essa síntese tendeu a se desfazer.

As épocas históricas têm “panos de fundo mentais” que se apresentam na literatura e filosofia. O texto nos lembra de que dentro desses panos de fundo temos os problemas importantes como está no livro: “importantes problemas referentes ao conhecimento, à psicologia, à lei moral, à existência de Deus, à sociedade humana, que foram discutidos pelos filósofos na Idade Média são análogos a problemas que comumente têm sido tópicos da discussão filosófica desde então. Mas a linguagem empregada, isto é, o idioma filosófico empregado, era bem diferente daquele comumente usado hoje; e a abordagem aos problemas era muitas vezes diferente”. A presença desse pano de fundo teológico não deve fazer com que se subestime nem a seriedade com que os medievais se aplicaram em seus estudos e discussões filosóficas, nem o alto nível de pensamento filosófico que alcançaram enfatiza o autor.

Um debate interessante que vemos no texto Copleston é a maneira como critica o seu pano de fundo metal. As universidades da Grã-Bretanha e a maneira como tratam os pensadores medievais são constantemente debatido pelo autor. A acusação constante de os medievalistas serem wishful thinking – ou seja - isto é, a de tomar como verdade o que se desejaria que assim o fosse – é retrucada pelo pesquisador : “Do ponto de vista filosófico, todavia, a questão relevante é se dado argumento, considerado em seus méritos, é válido ou não; o fato de que um filósofo já acreditava na conclusão por outras razões não tem conexão relevante com o valor ou a falta de valor do argumento considerado em si mesmo. Esse ponto deveria ser tão óbvio que não precisasse ser mencionado; mas o fato de que tem sido inteiramente negligenciado em certos círculos faz com que seja desejável mencioná-lo⁶”.

Após as considerações iniciais o autor entra na exposição de três pensadores importantes do período: Santo Agostinho, Pseudo-Dionísio e Boécio. Os três autores são citados como exemplos que a idade posterior à queda do Império Romano teve bases clássicas e, de alguma forma antecipou a ciência moderna. Como Santo Agostinho que dizendo “Se estou enganado, existo” antecipando Descartes.

⁶ COPLESTON, Frederick. Id. np

O segundo capítulo do livro aborda a maneira que a cultura latina preservada nos mosteiros chegou aos povos das migrações bárbaras até o renascimento literário de Carlos Magno. O interessante dessa parte da obra está na explicação detalhada dos diversos centros de educação medievais. Mostrando que como governo Carlos Magno foi um fracasso, mas o legado cultural foi gigantesco. E o fracasso de unidade fez surgir João Escoto Eriúgena, citado pelo autor como o primeiro filósofo medieval. Fundamentalmente seu pensamento “é uma tentativa constante de afirmar a fé cristã e a filosofia ou interpretação cristã do mundo em termos das categorias e ideias que o autor tomou emprestadas de fontes que eram por sua vez profundamente marcadas pelo neoplatonismo”. Mesmo com um sistema próprio de filosofia, João foi atacado pela teologia ortodoxa, pois parece ter sido acusado de oferecer a um panteísmo evolucionário. Seu nome apareceu com mais força em 1225 durante o movimento albigense. O ponto principal na recapitulação do contexto da alta Idade Média é período posterior à dissolução do Império Franco onde a filosofia pode, segundo o autor, renascer. De forma mais humilde a filosofia se ocupou dos problemas dos termos, classes e universais.

Outro ponto importante do livro é destacar a importância de autores islâmicos e judeus na construção do panorama filosófico medieval. Um ponto que o autor coloca é que o pensamento grego primeiro foi traduzido para o siríaco por escolas cristãs e depois chegou ao mundo árabe onde passou para o latim. Apresentando em seu rol de traduções que eram versões falsas de Aristóteles. O importante é que obras de filósofos judeus e islâmicos também foram passadas para latim no século XII e XIII. Avicena e Averróis são destacados. O primeiro com a teoria da inteligência baseado nas esferas de Aristóteles e o segundo conhecido como o “comentador” foi o mais destacado na medievalidade. Para Averróis, existe apenas um princípio intelectual que é imortal; e esse princípio é numericamente um em todos os homens, entrando em uma conexão temporária com os seres individuais como uma atividade iluminadora. Não há no homem nenhum intelecto individual que sobreviva à morte. Consequentemente, não há nenhuma imortalidade pessoal. Até onde é legítimo falar que o intelecto potencial do indivíduo sobrevive à morte, ele assim o faz apenas como um momento na vida da Inteligência separada. Tais posições o fizeram ser combatido por São Boaventura e São Tomás. Dentro de sua própria fé os autores também foram enfrentados, mostrando a polêmica que seus escritos tinham no mundo latino e islâmico ortodoxo.

Dentro do mundo judaico temos Salomão Ibn Gabirol e Moisés Maimônides. Dois autores que também vão beber do conhecimento aristotélico e neoplatonista. O primeiro tem a característica de tratar de filosofia aristotélica e teologia bíblica. Ocorrendo que em sua obra a Fonte da Vida tem Seu princípio geral com respeito às discrepâncias entre filosofia e

teologia bíblica era o seguinte: “Quando o ensinamento do Velho Testamento em determinado assunto está claro, e quando os argumentos filosóficos que podem ser desenvolvidos em favor da posição contrária não são tão conclusivos a ponto de nos forçar a mudar nossa interpretação das Escrituras, devemos aceitar o que as Escrituras ensinam⁷”. Contudo sofreu também críticas de seus contemporâneos judeus.

O legado medieval tratado em seguida dos pensadores árabes é das universidades, dando destaque a Paris e Bolonha por serem centros de junção de conhecimentos. Instituições que vão receber as ordens religiosas mais recentes do período como os franciscanos. Dentro desse grupo surgiram os filósofos mais eminentes que o autor passa a explicar em seu texto. O sistema filosófico de Aristóteles continuou sendo a linha de debate, negado em certos pontos, como nas questões sobre a eternidade do mundo. Outra vez vemos como a linha de filosofia clássica cria aceitações e repulsões dentro dos grupos intelectuais da Idade Média. Outro fenômeno curioso é que os estudos aristotélicos continuaram mesmo sendo proibidos, pois os esforços de retaliação foram mais concentrados contra os averroístas, deixando assim os trabalhos do filósofo serem estudados com mais facilidade. Aristóteles serve de referência para as diversas correntes de pensamento da época: São Boaventura, Ricardo de Middleton e Roger Bacon. O último é destacado por mesmo sendo “agostiniano” gerou muitas polêmicas em Oxford. Primeiro por criticar as autoridades que para ele não mereciam o respeito pedido. Bacon tendeu a criticar a falta de conhecimento sobre matemática de seus contemporâneos, os quais criticavam o por desconhecer ciência e as línguas. Tendo destaque nas observações “experimentais” e a crítica que acumulo de dados empíricos não é um ciência. Tal afirmação corrobora com a demonstração do autor que a ciência não nasceu nos séculos seguintes do nada, mas foi sendo feita dentro do debate filosófico e teológico medieval. A compreensão do método científico é mais antiga do que é nos passado atualmente dentro das instituições de ensino.

São Tomás recebe um destaque importante na obra por desenvolver uma junção do sistema aristotélico e a teologia cristã. Considerado “avançado” por seus pares ao abraçar o aristotelismo de forma a ver como algo verdadeiro, falível, mas de grande valia. O contato com Santo Alberto Magno deu a Tomás a capacidade de trabalhar com os escritos anteriores, mas sem deixar de utilizar a sua experiência, ou seja, a observação empírica era de extrema importância para reflexão filosófica. Tomás modificou profundamente o aristotelismo, não apenas à luz da religião cristã e dos ensinamentos dos Padres, mas também à luz de suas próprias experiências. O Autor de obras como a Suma Teológica fizeram do autor um marco no pensamento medieval e das épocas seguintes, contudo suas inovações foram

⁷ COPLESTON, Frederick. Id. np

consideradas perigosas. Nunca Tomás foi considerado na medievalidade filósofo oficial católico sua importância e notoriedade foi póstuma.

Seguinte as discussões universitárias sobre teologia e filosofia o autor entra no debate dos textos de Averróes. Dentro das universidades surgiu um grupo de conferencistas que estavam bastante dispostos a aceitar o aristotelismo em seu conjunto sem ficar se preocupando se todas as teorias afirmadas por Aristóteles eram teologicamente ortodoxas ou não. Preposições utilizavam Averróes como base, não por este afirmar algo, mas por parecer que nos seus textos o Aristoteles real. Segundo o autor “O importante, porém, é perceber que quem era considerado como “o Filósofo” era Aristóteles. Averróes era estimado como “o comentador”. Mesmo censurado os averroístas continuaram a ensinar em segredo. Copleston lista Siger de Brabante como o membro mais importante desse grupo que vem da faculdade de artes de Paris alegando ensinar Aristoteles, sem saber dos problemas dos textos Averróes. Chegando a ensinar que a não há um mortalidade pessoal. Algo que geraria condenações que tentaram em 1277 atacar todas as formas de aristotelismo, inclusive o de São Tomás. Ataques que não resultaram na morte do aristotelismo.

Como no restante do texto Copleston inicia seu capítulo sobre Duns Scotus lembrando que o personagem é esquecido dentro do mundo dos filósofos britânicos atuais, mostrando como existe uma falta de tradição em apresentar os pensadores medievais. O franciscano foi influenciado também pelo aristotelismo e Avicena, contudo o autor frisa que sua “mente original⁸” desenvolveu uma filosofia a qual baseia-se na convicção de que a mente humana é capaz de apreender a verdade existente e objetiva. Divergindo de São Tomás quando apontava que a mente tem uma primária intuição intelectual, embora confusa, da coisa individual como tal. Atacado Guilherme de Ockham pelo seu realismo e sendo na opinião do autor um aperfeiçoador da metafísica escolástica. Discutindo a imortalidade, a lei moral, a desobrigação fez dele um precursor do ockhanismo; ao mesmo tempo um inimigo dos nominalistas.

Guilherme de Ockham e o movimento ockhamista ocupam dois capítulos do livro de Copleston, no qual temos um resumo desse movimento chamado de nominalista ou terminismo. A importância dele está retratada em suas denominações: nova lógica, via moderna, sempre ligados a uma nova abordagem de pensamento. O novo movimento foi igualmente caracterizado por sua abordagem analítica, crítica, e às vezes empirista, dos problemas filosóficos. Os pensadores do movimento estavam mais interessados no tratamento analítico de problemas particulares do que na criação de sínteses abrangentes. Crítica radical de argumentos metafísicos tradicionais praticada

⁸ COPLESTON, Frederick. Id.p. np

por Guilherme de Ockham, e mais ainda por um filósofo como Nicolau de Autrecourt, costuma dar impressão de que o movimento tinha um caráter puramente destrutivo; Não formado abruptamente mas tendo um passado coligado aos estudos de outros mestres anteriores a Ockham.

A figura de Guilherme de Ockham esteve envolvido num contexto de conflito entre o papado e o império. Juntamente com acusações de seus comentários a obra de Pedro Lombardo. Sofreu excomunhão e morreu de peste em 1349. Não se tem certeza se sua reciliação com a Santa Sé foi completa, mas o importante foi sua insistência no fundamento experimental do conhecimento sobre o mundo naturalmente favoreceu o desenvolvimento da ciência física, no sentido de que seu efeito natural seria concentrar a atenção nos fatos observáveis. Somente pela experiência pode-se confirmar que uma coisa é a causa eficiente de outra coisa. A “navalha de Ockham” ou o princípio de economia, a saber, o princípio de que não se deve postular a existência de um número maior de entidades ou fatores quando um número menor será suficiente, não foi inventado por Ockham em pessoa. Ele havia sido empregado, por exemplo, por Durando (m. 1332), o qual certamente não pode ser chamado de ockhamista, na eliminação de várias entidades postuladas pela psicologia aristotélica tradicional para explicar a abstração. Outra vez o pensamento medieval não era fruto de autogeração, mas um processo de absorção de teorias que circulava dentro do mundo intelectual, se assim podemos chamar o círculo de homens de saber da medievalidade. Resumindo : “se traduzir a filosofia de Ockham em termos modernos, pode-se fazê-lo parecer altamente atual.

O lado racionalista de sua filosofia pode ser representado pela tese de que proposições e implicações lógicas e analíticas são certas, mas não dão nenhuma informação fatural sobre o mundo, enquanto que o lado empírico de sua filosofia pode ser representado pela tese de que proposições fatuais aptas à verificação empírica nunca são absolutamente certas ou necessárias. Existe, creio eu, grande parcela de verdade nessa descrição; mas ela está muito longe de estar completa. Como vimos, Ockham era um teólogo, profundamente convencido da liberdade e da onipotência divinas; e suas posições filosóficas foram parcialmente determinadas por suas convicções teológicas. Sua filosofia é complexa, assim como ele próprio era uma personalidade complexa; e seu feitio deve ser percebido à luz de sua ambientação medieval, se for para ser entendida.”⁹

No penúltimo capítulo do livro a figura de Nicolau de Cusa é revisitada pelo autor que nos traz alguns esclarecimentos interessantes sobre a forma de pensamento. Colocar o personagem deste capítulo no rol de medievais já gera uma polêmica, segundo Coplenston a sua figura é associada ao Renascimento

⁹ COPLESTON, Frederick. Id.np

de Marcelo Ficino, por isso é melhor pensá-lo como um elemento de transição. Justifica o autor : “Contudo, mesmo que se prefira, como eu, considerá-lo como uma figura renascentista, existe, acredito, uma justificativa para apresentar um esboço de sua filosofia em um livro sobre filosofia medieval, precisamente por causa de seu caráter de pensador de transição, um filósofo que, por assim dizer, tinha um pé tanto no mundo medieval como no pós-medieval. É sempre útil lembrar-se da continuidade na história da filosofia. Não houve nenhuma transição repentina e abrupta da filosofia medieval para a “moderna” A idéia central da filosofia especulativa de Nicolau de Cusa é aquela da síntese ou identidade de opostos (*coincidentia oppositorum*). Nos seres finitos encontramos distinções e oposições. O mundo é uma teofania, uma aparição sensível de Deus: é uma “contração” do divino. No “desdobramento” de Deus na criação, a unidade absoluta é “contraída” em multiplicidade; a infinidade em finitude; a eternidade em sucessão; a necessidade em contingência ou possibilidade. Nicolau está disposto a falar de cada criatura como uma “infinidade finita ou um Deus criado¹⁰”. Nicolau desenvolveu um amplo sistema metafísico; e esse é um fato que o diferencia nitidamente dos ockhamistas, especialmente em vista de sua dependência da tradição platônica, ou neoplatônica. Por outro lado, sua visão da natureza como um sistema auto-desdobrável dinâmico, seu abandono do geocentrismo, a ênfase que ele dá à coisa finita individual e a importância que atribui à analogia matemática (por mais que seu posicionamento nessa questão possa ter sido sugerido por escritores platônicos) fazem de seu sistema um precursor daquelas filosofias da natureza que foram uma das principais características do Renascimento. Sua insistência na concepção da natureza como o infinito em potencial, como o infinito criado, se pode expressá-lo assim, e como a “contração” ou auto-desdobramento de Deus no plano da existência criada, junto com a idéia da natureza como um sistema inteligível e harmonioso, obviamente sugeria que a natureza é um objeto de estudo valioso e digno por si próprio. Foram filosofias como a de Nicolau de Cusa, em vez de filosofias como a de Guilherme de Ockham, que de fato formaram o pano de fundo mental da época em que os grandes cientistas do Renascimento viveram e trabalharam.

Encerrando o livro temos uma reflexão sobre a filosofia política que engloba naquele momento um vasto campo de debate.

“Na teoria política medieval é perfeitamente natural que se encontre um reflexo das novas relações dos poderes espiritual e temporal. A existência de dois tipos de sociedade, a Igreja e o império ou o Estado, era o dado histórico na Europa medieval que formava o assunto de

¹⁰ COPLESTON, Frederick. Id. np

uma boa parte, embora certamente não toda, das reflexões políticas dos pensadores medievais¹¹”

Repassando as ideias de Santo Agostinho, São Tomás, João Quidort e Marcílio de Pádua a obra nos explica cada ideal do Estado Cristãeenvolver a sua interpretação da maneira que um governo deve proceder. Dentro dessa época temos a teoria dos dois gládios de Gelasio I provocando debates sobre a quem caberia a premissa hierarquica no mundo. Ao Temporal ou ao espiritual. O capítulo mostra que mesmo eclesiasticos passavam a defender o temporal, como é Quidort em relação ao rei da França.O ideal medieval da Cristandade unida refletiu-se no século XIII na íntima associação entre teologia e filosofia e na geralmente aceita teoria política do equilíbrio entre os dois poderes, o espiritual e o temporal. No século XIV percebemos o movimento histórico em direção à desintegração refletido na separação ockhamista entre teologia e filosofia e na teoria de Marsílio do Estado autônomo e completamente auto-suficiente. Em contrapartida, o movimento ockhamista e as teorias como aquelas de Marcílio de Pádua tiveram sua influência no campo prático, ao fomentar um espírito que atingiria seu completo desenvolvimento num período posterior.

Podemos concluir que a obra de Frederick Copleston traz os personagens, sistema de pensamentos e debates mais importantes do período medieval devidamente sincronizados com o contexto, dando a este manual um caráter mais profundo que um simples apanhado de fatos isolados ou resumos de linha de pensamentos. O problema inicial de mostrar as bases clássicas dos medievais e seu desdobramento dentro de sua época e nos períodos seguintes é resolvida de forma adequada. A validade de sua obra é indiscutível, principalmente dentro do mercado brasileiro de publicações sobre a Idade Média.

¹¹ Id. Ib. np